

Piracicaba, 06 de Dezembro de 2001.

## **Pesquisa aponta que soja brasileira custa menos da metade da norte-americana**

Os levantamentos informais sobre a competitividade da produção da soja brasileira frente à norte-americana são confirmados cientificamente em pesquisa do aluno de graduação de engenharia agrônoma da ESALQ/USP Rodolfo Guilherme Hirsch. Nesta quinta-feira, Rodolfo defende diante de uma banca de três professores da Universidade de São Paulo seus resultados de que o custo de produção de soja no município de Sorriso (MT), tomando-se por base a safra 2000/01, é cerca de 48% do custo total da região central de Illinois (EUA), safra 2000. Outra contribuição das pesquisas deste aluno é a comparação dos contratos realizados entre produtores e compradores de soja nas duas regiões, com a constatação de que os contratos oferecidos nos EUA são mais diversificados para o produtor do que os disponíveis aos brasileiros. Rodolfo Hirsch, apesar da conclusão do curso, alerta que a pesquisa continua em desenvolvimento e que alguns resultados podem sofrer ajustes.

Nas pesquisas sobre os custos de produções de soja não-transgênica brasileira, em sistema de plantio direto, no Mato Grosso, Rodolfo Hirsch identificou que para produzir um hectare na região de Sorriso, o produtor despende US\$ 386,23 por hectare. Na região central de Illinois, a conta fica em US\$ 798,15 por hectare, obtendo-se a diferença de 62% em favor da produção brasileira. O estudo apurou os custos de produção de soja transgênica nos EUA, em sistema de plantio convencional, tendo-se em vista que é predominante esta modalidade naquele país.

“Não adianta muito termos produção ‘tão’ barata se os preços brasileiros são muito mais baixos que os deles”, observa o pesquisador. “Torna-se, portanto, imprescindível uma análise de rentabilidade para se averiguar se de fato tal vantagem se reverte em lucro ao produtor e competitividade ao país.”

Nesta análise, Rodolfo apurou que a rentabilidade média brasileira estaria por volta de 8,7% (safra Brasil 2000/01). Já para os norte-americanos, a constatação é curiosa e aponta um resultado negativo de 24,52% (safra EUA 20001), mesmo com os subsídios para garantir do preço mínimo. *(veja tabelas abaixo)*

Piracicaba, 06 de Dezembro de 2001.

A explicação para a continuidade do negócio, lamenta Rodolfo, os americanos não souberam lidar. Talvez o que permitiria tal manutenção da atividade completa Rodolfo, seria a forte receita obtida com a preservação de áreas naturais e o alto valor recebido pela prestação de serviços de maquinários para a colheita de outros grãos, por exemplo. Além do que, muitos produtores têm a opção de trabalhar em outras atividades fora da fazenda.

Quanto à produtividade, o Brasil também se mantém líder. No Mato Grosso, a produtividade média, segundo Conab, na safra 2000/01, é de 3.100 kg por hectare, enquanto em Illinois a média, na safra de 2000, foi de 2.959 kg/ha, segundo USDA.

A pesquisa destaca também a estrutura das propriedades entre os dois países. Na região de Sorriso e Lucas do Rio Verde (média MT), 60% da produção de soja se encontra em propriedades de 1.000 a 10.000 ha, segundo o IBGE (1999). Já no centro de Illinois, as propriedades variam entre 20 e 200 ha, segundo censo do USDA (1997).

O Brasil só perde em competitividade quando o assunto é transporte. Com o transporte interno da soja de Sorriso ao porto de Paranaguá (PR), via rodoviária, são gastos US\$ 43,34/tonelada, incluindo-se os custos portuários. Já da região central de Illinois até o porto New Orleans, o dispêndio é de US\$ 12,65/tonelada. Já o frete oceânico até o porto de Roterdã (Holanda), segundo uma grande empresa processadora atuante nos dois países, a vantagem é para os Estados Unidos. De Paranaguá a Roterdã, o custo é US\$ 11,50/t e de New Orleans, US\$ 10,00/t.

**Contratos** - No Brasil, os contratos entre produtores e compradores se dão para obtenção de recursos para a produção e outros para garantia de preços. Para a captação de recursos financeiros, destacam-se os contratos de CPR, a soja verde e o 'adiantamento'. Já para diminuir os riscos de comercialização, são comuns os contratos de pré-fixação dos preços realizados entre produtor e comprador, sendo este, muitas vezes, a própria indústria esmagadora.

Já nos Estados Unidos, os contratos oferecidos aos produtores ocorrem basicamente no nível da comercialização, já que a produção tem financiamento facilitado através de bancos agrícolas. Destaca-se

Piracicaba, 06 de Dezembro de 2001.

que pelo fato dos norte-americanos centrarem suas atenções em contratos de administração de risco, bem como pelas próprias condições de planejamento a longo prazo oferecidas pelo país, existe uma variedade maior de contratos ao produtor, o que lhe dá mais opções de reduzir seus riscos de comercialização. Algumas das operações contratuais mais comuns nos EUA são a pré-fixação de preços e a venda a fixar, tal qual ocorre no Brasil. São praticados também contratos de preços mínimos (entre produtor e empresa compradora); contrato de base e *“hedge-to-arrive”*.

Além destes, há a chamada “Nova Geração de Contratos” através dos quais o produtor tem a chance de obter melhores níveis de preços, podendo, por exemplo, mudar o valor contratado em pré-fixação, entre outros.

**Origem da Pesquisa** – Integrante de trabalhos desenvolvidos pelo Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea/Esalq), Rodolfo Hirsch se despertou para tal estudo durante visita a regiões produtoras no Mato Grosso. Além dos levantamentos detalhados sobre a produção de soja em Sorriso, o estudante também apurou custos de produção em Primavera do Leste. Todo o seu trabalho teve o acompanhamento de pesquisadores do Cepea que reúnem conhecimentos agrônômicos e econômicos.

### Comparação das Receitas Brutas a partir do custo total

	<b>Custo/ha</b>	<b>Produção (sc/ha)</b>	<b>Valor (US\$/sc)</b>	<b>Resultado /ha</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>386,23</b>	<b>55</b>	<b>7,63</b>	<b>\$33,67</b>	<b>8,72</b>
<b>EUA*</b>	<b>798,15</b>	<b>50,5</b>	<b>11,93</b>	<b>- \$195,68</b>	<b>-24,52</b>

Fonte: Rodolfo Hirsch

- A partir de dados da Universidade de Illinois (Farm Business Farm Management – FBFM)

Piracicaba, 06 de Dezembro de 2001.

### Comparação das Receitas Brutas a partir do custo total – Sem o custo da terra

	<b>Custo/ha</b>	<b>Produção (sc/ha)</b>	<b>Valor (US\$/sc)</b>	<b>Resultado /ha</b>	<b>%</b>
<b>Brasil</b>	<b>349</b>	<b>55</b>	<b>7,63</b>	<b>\$70,84</b>	<b>20,29</b>
<b>EUA*</b>	<b>512</b>	<b>50,5</b>	<b>11,93</b>	<b>\$90,96</b>	<b>17,78</b>

Fonte: Rodolfo Hirsch

\* A partir de dados da Universidade de Illinois (Farm Business Farm Management – FBFM)

Outras informações podem ser obtidas através do Laboratório de Informação do Cepea, com Ana Paula Silva. Fone: 19-3429-8837/ 36 ou [cepea@esalq.usp.br](mailto:cepea@esalq.usp.br)